

Classificando Vanzolini

Classifying Vanzolini

Marlene Suano¹

¹
Licenciada em História, FFCL/USP (1969); Pós-Graduação em Museologia, Universidade de Leicester - Inglaterra (1973); Doutorado em Arqueologia, Institute of Archaeology - Universidade de Londres (1976). Docente junto ao Departamento de História -FFLCH/USP (desde 1982).

Chamei-o de professor desde o dia em que o conheci, em 1969, até a última vez que falei com ele, cinco dias antes de sua partida. Falar do que era a amizade que Vanzolini dedicava aos mais novos, que ele via iniciar na carreira acadêmica, não seria nenhuma novidade. Apoio, palpites, livros garimpados em sebos, caçadas sobre os temas da pesquisa. Sua grande generosidade, porém, era muito medida. Quem ele julgasse “não merecer” ficaria no limbo para sempre. Ele nunca foi muito explícito sobre suas escolhas e seus decretos de exclusão raramente eram acompanhados por detalhes de seu juízo. Sabia-se, assim, do privilégio que era sua aceitação, mas que não se aguardasse elogios, que jamais viriam, entendi logo.

Formando-me em História e iniciando pesquisa em Arqueologia, a percepção de “espécime” se confrontava com a de “evento” e, no meu caso, de “peça”. *Se algum evento fizesse história, eu escreveria uma teoria com um bicho só?* E foi assim que aprendi com ele que em ciência não existe muito, pouco, muitos, poucos, maioria, minoria, vários e raros. Existiam números, estatística bem montada, de onde poderia se partir com as ideias. Já doutorada, comecei modesto trabalho com cinturões de bronze pré-romanos da península itálica, em 1980. Ele não gostou, perguntou por que eu não estudava a roupa inteira. Não podia, já estava “loteada”, pois em arqueologia, infelizmente, ainda se trabalhava por lotes. Em 1984, recebi permissão para estudar e publicar 17 dessas peças do Museu Britânico de Londres. Lancei-me a campo e consegui levantar 747 exemplares em museus da Europa e dos EUA. Dissequei tudo, um a um. Não pude detalhar muito patas, cabeças, orelhas e focinhos porque os cães, lobos e cavalos que apareciam nessas peças eram

muito estilizados. Mas eu tinha também asas de cigarra! Fiz o melhor que pude de todo o material, que pela primeira vez receberia uma tipologia. Vanzolini me sugeriu algumas mudanças e o comentário que recebi dele foi: *Muito primária, mas dá para começar*. Publiquei em 1986 e a tipologia é até hoje a mais usada, embora outras a tenham sucedido, feitas por outros estudiosos. A estrutura se mantém, subtipos novos puderam ser acrescentados, mas as conclusões que ela possibilitou ainda não foram alteradas. E a classificação visual, com seus 23 pequenos desenhos, ainda é reproduzida em outros trabalhos e manuais de história sobre o período pré-romano publicados na Itália.

Fiz vários outros trabalhos depois desse, sempre lhe dei cópias, que ele comentava com grande acuidade, mas esse permaneceu seu favorito. Sua contribuição para minha formação metodológica foi notável, mas sempre me impressionaram suas leituras sobre a arqueologia mediterrânica, sul-americana e americana do norte. Mas preferia ver os objetos em fotografia. Quando ele foi para a Europa pela primeira – e última – vez, em 1976, encontrei-o em Londres e o acompanhei a Cambridge e, depois, a Paris. Estava terminando meu doutorado em Londres e a parada de uma semana era bem-vinda. Em Londres, diante do Museu Britânico, ele acabou se recusando a entrar e em Paris não passou nem pela calçada do Louvre: *Esses ufanismos do colonialismo me fazem mal*. Mas ele conhecia muito do que estava ali dentro, e apreciava. Da não concretizada visita ao Museu Britânico ele saiu me descrevendo o Estandarte de Ur e os muros do palácio de Sargão II que estavam lá dentro...

Assim como conhecia, embora de outro patamar, as coleções etnográficas do Museu Paulista da USP e as pesquisas antropológicas, sobretudo as de Eduardo Galvão, um dos fundadores da antropologia científica no Brasil. Ele participava ativamente das campanhas de campo de Galvão e tinha especial capacidade de entender a relação dos objetos com o meio ambiente, sugerindo inclusive as épocas do ano em que teciam palha, captavam sementes para as decorações, etc. Essas orientações

eram importantíssimas, inclusive, para cronometrar as idas a campo.

É dessa sua única viagem à Europa uma sua tirada, que asseguro não ser piada, porque a presenciei. Recebido por um dos organizadores do evento em Cambridge, todos muito contentes em recebê-lo, à pergunta “E então, o que o senhor está achando de Cambridge?”, ele respondeu com pretendido descuido: *Bonitinha, me lembra um pouco Cambridge, Mass.* E, diante do espanto mudo do professor, ainda acrescentou: *Vocês também têm regatas estudantis?* E quando comentei que ele não estava sendo muito gentil com os anfitriões, ele discordou: *Ele vai ter que pensar pra decidir se sou ignorante ou se estava caçoando dele. Portanto estou colaborando pra ele ficar esperto...*

Mas, na realidade, além de tal “ajuda”, ele estava brecando a pergunta que certamente se seguiria se ele tivesse dado a resposta protocolar à primeira: *Então está gostando? E por que não veio antes?* Na realidade, sua recusa em participar de iniciativas europeias nunca foi bem explicada. Depois de suas duas conferências, tentei convencê-lo a ir conhecer a Itália, mas a resposta foi a de sempre: *Meus antepassados não saíram de lá porque era bom.* E fechou o assunto. Certamente havia, em sua recusa, muito do combate ao “encantamento” que os brasileiros sempre tiveram pela Europa e a pasteurização dos EUA como país imperialista e, portanto, merecedor de afastamento. Ele ousava fazer o contrário, sem ser politicamente afeito às interferências americanas, sobretudo em relação à América Latina.

Quando defini a Inglaterra como local para meu doutoramento, no distante 1973, ele me disse: *Vai, mas saiba que vai aprender como os ingleses entendem o que os americanos estão fazendo de bom na área e logo vai surgir o contra-ataque.* Fui e não deu outra! O grande impacto da “new archaeology” americana dos anos 60-70 era discutido em todas as universidades inglesas, sobretudo no departamento de Meio Ambiente Arqueológico do Instituto de Arqueologia de Londres, onde me matriculara. Ali, o paleobotânico Geoffrey Dimbleby ensinava o que tornaria a arqueologia inglesa forte nas décadas

seguintes: a compreensão dos paleoambientes, que levou à arqueologia da paisagem. Mas já surgia, ali mesmo, a contestação, em um aluno que se tornaria o principal combatente da “new archaeology”, nordestador da “post-processual archaeology” e considerado, por muitos, como o maior arqueólogo do século: Ian Hodder. Pude participar do processo de um ângulo extremamente privilegiado. Por um lado, Dimbleby, apesar de muito ocupado e pouco interessado no paleoambiente da Península Itálica, local de meu projeto, me atendia com enorme paciência, entusiasmado com os escritos sobre a Amazônia que Vanzolini lhe mandava por meu intermédio. Por outro, alertada por Vanzolini para o “contra-ataque”, pude observar, desde o início, o surgimento da linha da arqueologia teórica que dominaria a área por mais de três décadas. Hoje, teria escolhido ir estudar diretamente nos Estados Unidos, para onde, aliás, mudou-se Ian Hodder, trocando seu posto de Cambridge por Stanford, nos anos de 1980, onde está até hoje.

Sua grande paixão, maior até que a USP, que tanto amou, apesar da enorme puxada de tapete que levou no concurso de livre-docência, sempre me pareceu ser a FAPESP. A Fundação, como a chamava, era dele, no sentido de verdadeira coisa pública do cidadão pesquisador. Ele era capaz de dar do bolso para comprarmos um livro e jamais permitir que orçamentos fossem inchados “preventivamente”. *Pois quem não sabe fazer orçamento honesto vai saber fazer pesquisa honesta? Não vai!*

Não havia assunto que não o interessasse ou eram os meus assuntos de fato tão interessantes? Nunca consegui descobrir com certeza, mas acho que era o primeiro caso. Mostrando-lhe, uma vez, fotos de minhas escavações na Itália, ele olhou, olhou de novo e disse: *As fotos são ruins mas... apontando a colina por trás da área de escavação... isso aqui parece terraçamento antigo. Veja se não chegou até aqui o plantio de trigo que o Mussolini fez terraçando a montanha, para tornar a Itália independente de importações. Sabe que ele tinha um laboratório-escola para melhorar a qualidade do trigo?* Na região era muito vaga a memória

dos tempos anteriores à Segunda Guerra Mundial. Foi necessária uma pesquisa no Ministério da Agricultura para confirmar o que ele tinha percebido a partir de algumas fotos “ruins”.

Seu trânsito competente por tantas áreas vinha, certamente, de sua enorme admiração por tudo que fosse criação. Crítico, implacavelmente crítico, misturava conhecimento de causa com apreciação do caráter das pessoas, em fórmulas variáveis e sempre secretas. Da antropologia à história, arqueologia, tecnologia, artes plásticas, pesquisa científica, ensino acadêmico e, claro, música. Em mais de 40 anos de convivência, só nunca o vi se interessar por moda! *Sou pago pra ser inteligente, não pra ser bonito*, dizia sempre, do alto de suas camisas de algodão grosso, “de motorista de caminhão”. Mas os motoristas já tinham aderido a modelos bem mais modernos, enquanto ele perseverava, só variando de cinza a bege.

Sua visão abrangente, de pesquisa e de ensino, levou-o a associar as pesquisas antropológicas e arqueológicas ao seu projeto EPA – Expedição Permanente à Amazônia – financiado pela FAPESP, com epicentro nos dois barcos ligados, mas independentes: Garbe e Lindolpho. De seu incentivo nasceu o setor amazônico no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, nos idos de 1970.

Divertia-me sua irritação com Darcy Ribeiro, pois ambos eram realmente muito parecidos. No amor crítico pelo país, na fidelidade aos afetos, no contentamento com eles próprios, na coragem de dizer sempre o que pensavam, sem negociações. Uma vez perguntei a Darcy o porquê da distância entre eles e Darcy respondeu: *Birra besta dele, só porque sou mais inteligente e mais bonito do que ele*. Perguntei a mesma coisa a Vanzolini, que me respondeu; *Implicância besta dele comigo, porque sabe que sou mais inteligente e mais bonito do que ele*.

A diferença na resposta é verdadeiramente magistral.

Pessoas como Vanzolini não se vão: só se fazem de difíceis. Basta procurar que o achamos onde sempre esteve.